Velhice e aparência: a percepção da identidade de idosas longevas

Aging and Appearance: the perception of the identity of the oldest old

Maykon dos Santos Marinho
Luciana Araújo dos Reis

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar a percepção da identidade de idosas longevas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratório-descritiva, com a utilização da técnica da história oral temática e do *software* NVivo para análise dos dados. Emergiram três temas de análise: O espírito jovem: a relação corpo e mente; a aparência: imagem atual *versus* imagem do passado, e o cuidado com o corpo e a aparência. Diante dos achados desta pesquisa, é possível afirmar que nos defrontamos com um novo olhar para a velhice e para uma nova identidade dos idosos longevos.
Palavras-chave: Identidade; Aparência; Velhice.

ABSTRACT: *This study aims to analyze the perception of the identity of the oldest old. This is an exploratory-descriptive qualitative research, using the technique of oral history and NVivo software for data analysis. Analysis revealed three themes: The young spirit: the relationship body and mind; appearance: Current image vs image of the past and the care of the body and appearance. Given the findings of this research we can say that we are faced with a new look for old age and a new identity of the oldest old.*
Keywords: *Identity; Appearance; Aging.*

Introdução

Ao longo do envelhecimento, o indivíduo assume identidades diferentes que variam de acordo com o momento vivido, pois considera as transformações definidas como um processo sociocultural e não apenas biológico. Isso permite que o indivíduo desenvolva, em diferentes momentos, uma identidade caracterizada pela individualidade inacabada e construída de forma coletiva (Freitas, Moura, Silva, Cartaxo, Silva, Carminha, & Smethurst, 2012). Desta forma, a identidade nunca pode ser vista como sendo puramente individual; ela é determinada pelas experiências singulares que têm lugar na interação com os outros numa sociedade de mudança (Silva, 2006, p. 122).

De acordo com Ciampa (2006), a identidade é um processo em constante metamorfose, pois o ser humano como um ser ativo está em constante processo de transformação, ou seja, as imagens sociais e individuais da velhice são ligadas por um movimento constante de criação, que é responsável pela construção da identidade do idoso (Caldas, & Thomas, 2010).

Nos tempos atuais, há uma valorização exacerbada da beleza e da juventude. Valorização esta que leva os indivíduos a experimentarem uma crescente preocupação com a própria imagem, e isso leva a grande preocupação estética e consequente consumismo, voltados para a busca do corpo perfeito e ideal, que incide diretamente na questão identitária dos idosos (Coutinho, Tomazeti, & Acosta, 2013).

Uma pesquisa sobre envelhecimento, corpo e diferenças de gênero, realizada por Limoeiro (2012), apontou que os temas mais citados nas respostas dadas a um questionário estavam relacionadas às características ou mudanças na aparência que o envelhecimento pode trazer, como a própria decadência na imagem, que seria a perda das características juvenis. Desse modo, o processo de envelhecer aparece intimamente ligado às perdas no quesito da beleza.

Nesse sentido, a construção da identidade depende da construção das imagens do corpo, cujas modificações físicas são marcadores identitários para delimitar quem é ou não idoso (Costa, 2012). Com isso, o corpo e o uso de artifício para arrumá-lo fazem parte de uma forma de controle de expressão da velhice (Barros, 2013).

Para Costa (2004), o sentimento de identidade significa, na atualidade, dizer o que somos e o que aparentamos ser e, dessa maneira, o "corpo passa a ser visto como uma vitrine compulsória". Assim, a marca identitária e os atributos físicos tendem a ser uma só e a mesma coisa (Pitanga, 2006).

Segundo Blessmann (2004) é na velhice que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, já que é difícil aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude. Desse modo, o corpo é apresentado pelos idosos como merecedor de cuidados no intuito de manter as marcas identitárias socialmente construídas no decorrer da vida, mas fundida à aquisição de novos comportamentos e significados sobre o envelhecer (Freitas, Moura, Silva, Cartaxo, Silva, Carminha, & Smethurst, 2012).

A velhice tem sido bastante estudada devido ao aumento significativo da longevidade e, consequentemente, do número de idoso. Com isso, as contribuições acadêmicas têm sido importantes no estudo sobre o envelhecimento. No entanto, a literatura nacional sobre idosos longevos (idade igual ou superior a 80 anos) ainda é escassa, o que gera lacunas nos estudos sobre este grupo específico e a necessidade de pesquisas mais aprofundadas que abordem os idosos longevos como tema central, pois este e um tema bastante complexo e heterogêneo (Lima, & Menezes, 2011).

Desse modo, a finalidade deste estudo consistiu em fazer uma reflexão sobre a identidade de idosos longevos, com o intuito de descontruir mitos, crenças que fornecem sustentação para o processo de exclusão e marginalização dessas pessoas, e efetivar a partir de suas próprias falas, a mudança de mentalidade da sociedade em relação à velhice.

Nesse sentido, entender como idosos pensam, veem, sentem e vivem a velhice, torna esta pesquisa relevante pela possibilidade de oferecer subsídios na participação e elaboração de propostas e/ou estratégias direcionadas aos idosos longevos, assim como propiciar uma reflexão maior sobre a velhice e longevidade. Nesta perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar a percepção da identidade de idosas longevas.

Percurso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratório-descritiva, com a utilização da técnica da história oral temática, que consiste na narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. É um recurso moderno usado para a elaboração dos registros, documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos (Meihy, 2005).

Neste estudo, o campo de investigação foi uma Unidade de Saúde da Família (USF) do município de Vitória da Conquista, Bahia. Essa USF possui 3.392 famílias cadastradas, oferecendo atendimento para 13.146 usuários, dos quais 1.320 são idosos. Os participantes da pesquisa foram 10 idosos longevos que atendiam aos seguintes critérios de inclusão: idade igual ou superior a 80 anos, ser independente funcionalmente e ser usuário da USF escolhida.

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: um formulário semiestruturado, com questões de caracterização sociodemográfica dos idosos longevos e uma entrevista semiestruturada com as sete questões voltadas para os significados atribuídos ao processo de envelhecimento, antes e após o envelhecer.

Após a transcrição integral das entrevistas, as informações foram analisadas utilizando-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). Contudo, devido à grande quantidade de informações utilizou-se o software de tratamento de dados qualitativos QSR NVivo®, versão 10.0, doravante escrito como NVivo.

O processo de análise de conteúdo foi operacionalizado em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação (Bardin, 2011). Na etapa de *pré-análise*, as transcrições foram introduzidos no NVivo com o recurso de importação de fontes de informação, compondo, assim, o *corpus* da pesquisa. Após a criação do banco de dados no NVivo, foi iniciada a etapa seguinte: a de *exploração do material*. Nesta etapa foi realizada a leitura exaustiva das transcrições e o processo de codificação com a decomposição dos conteúdos em unidades de registro, com base nas expressões com sentidos equivalentes que surgiram ao longo do *corpus* da pesquisa, as quais foram agrupadas nas categorias analíticas emergentes dos dados empíricos.

Nessa etapa, foi utilizada a técnica *nuvens de palavras* do Nvivo para análise do material empírico. Esta técnica pode ser compreendida como uma forma de visualização de dados linguísticos, que mostra a frequência com que as palavras aparecem em um dado contexto. A técnica de construção desta *nuvem* consiste em usar tamanhos e fontes de letras diferentes, de acordo com as ocorrências das palavras na categoria analisada, o que gera uma imagem que apresenta um conjunto de palavras coletadas do corpo do texto e agregadas de acordo com sua frequência, sendo que as palavras mais frequentes aparecem, de modo decrescente, no centro da imagem e as demais em seu entorno (QRS internacional, 2014). Dessa maneira, a aplicabilidade desta técnica contribui para a visualização do que é mais relevante nas falas dos participantes desse presente estudo.

De posse da *nuvem de palavras* e dos dados codificados, foi iniciada a terceira e última etapa: a do *tratamento dos resultados*. Buscou-se a articulação entre o material empírico e o referencial teórico, possibilitando a ocorrência de outras contribuições teóricas sugeridas pela leitura do material empírico.

O desenvolvimento desta pesquisa respeitou a Resolução n.° 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Assim, o projeto desta pesquisa foi encaminhado ao Núcleo de educação permanente da Secretaria Municipal de Saúde do município de Vitória da Conquista, BA, e ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR) e foi obtido o parecer de aprovação (Protocolo n.° 759479). Os participantes deste estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, com vistas a garantir o anonimato dos participantes e facilitar a compreensão do leitor, foram atribuídos aleatoriamente nomes de flores aos idosos longevos, a saber: Cravo, Margarida, Camélia, Angélica, Rosa, Lírio, Hortência, Violeta, Girassol e Jasmim.

Resultados e Discussão

Ao analisar os resultados obtidos no presente estudo, pôde-se perceber a maior participação de mulheres, posto que, dos dez (10) participantes da pesquisa, oito (8) pertencem ao sexo feminino, o que mostra uma maior tendência das mulheres em alcançar a longevidade. Essa vantagem em relação ao sexo é coerente com o registro na literatura e decorre de inúmeros fatores, entre eles, a tendência do sexo feminino se cuidar mais e melhor, buscar assistência médica ou apoio social (Santos, Moreira, & Cerveny, 2014).

Em relação ao estado civil dos idosos longevos, os dois (2) homens são casados, e das oito (8) mulheres entrevistadas, três (3) são casadas, uma (1) vive em união estável e quatro (4) são viúvas. Um dado interessante é que o gênero feminino enquanto mais longevo, tende a viver a viuvez mais frequente que o masculino (Brasil, 2010).

Em relação ao número de filhos, os idosos longevos entrevistados tiveram uma média de cinco (5) filhos. Esses dados apontam para uma transição entre famílias extensas com grande número de descendentes para famílias menores com um ou dois filhos por mulher na atualidade (Brasil, 2010).

Ao avaliar com quem o (a) idoso (a) longevo (a) reside, parte significativa da amostra declarou morar com familiares. Entre eles, cinco (5) vivem com seus cônjuges; três (3) moram com parentes (filhos ou netos); e duas (2) dizem morar sozinhas e que esta opção se deu à fatalidade da viuvez, ou pelo fato de os filhos morarem em outras cidades. Durante as narrativas, as idosas longevas afirmam preferir viver sozinhas; o fato de ter a sua própria moradia lhes dá autonomia e liberdade.

Esta preferência também foi constatada em pesquisas sobre idosos que moram sozinhos (Santos, Tomazzoni, Lodovici, & Rocha-Medeiros, 2010). A moradia representa a expressão de sua identidade e imprime suas marcas pessoais, para a construção de seu meio de proteção e de bem-estar, um espaço próprio sob seu domínio e controle (Santos, Tomazzoni, Lodovici, & Rocha-Medeiros, 2010).

Relativamente a profissões que exerceram, entre os entrevistados, um (1) era comerciante; uma (1) era professora; uma (1) era costureira; uma (1) era doméstica; um (1) era policial; cinco (5) eram donas de casa. Esse era o comportamento padrão nas décadas de 1930, 40 e 50 esperado para as mulheres (Barros, 2013). Importa registrar, que todos os participantes deste estudo encontram-se cobertos pela seguridade social.

Quanto ao grau de escolaridade, dos dez (10) entrevistados, quatro (4) eram analfabetos; quatro (4) possuíam escolaridade equivalente ao antigo Ensino Fundamental I; um (1), o equivalente ao Ensino Fundamental II e um (1) ao equivalente Ensino Médio. O baixo índice de educação formal dos idosos longevos entrevistados, deve-se ao fato de que a maioria nasceu e viveu a infância em áreas rurais, e, pois eles viveram em uma época que havia muita dificuldade de acesso, carência de escolas públicas, baixo poder aquisitivo e desvalorização da educação formal. Situações essas que, devido ao arraigado sistema patriarcal subjacente à sociedade brasileira até, pelo menos, a metade do século XX (Faoro, 1958), se tornam mais grave para a conquista da educação formal entre o gênero feminino (Vasconcelos, & Souza Filho, 2001).

Os idosos longevos aqui pesquisados, acreditam ter boa saúde, pois têm autonomia e são independentes funcionalmente. Entende-se como idoso independente funcionalmente aquele que é capaz de realizar atividades da vida diária sem dificuldades. O grau de autonomia e independência são aspectos que influenciam na qualidade de vida das pessoas. Para Conceição (2010), autonomia e independência são conceitos interdependentes e referem-se à forma como cada pessoa consegue conduzir sua própria vida.

Considera autonomia como a capacidade de tomar decisões e de executá-las, enquanto independência relaciona-se com a conformação física, mental e social para realizar atividades cotidianas (Moura, & Souza, 2012).

Na perspectiva de uma construção e afirmação de uma identidade social positiva do idoso(a), Minayo, e Coimbra Júnior (2002) afirmam que, do ponto de vista econômico, os idosos (especialmente os mais ativos e independentes) representam um mercado promissor no mundo dos bens de consumo, da cultura, do lazer, da estética e dos serviços de saúde. Nessa direção, garantir uma existência mais saudável ao idoso é admitir novas formas de pertencimento social, seja através das novas possibilidades de comunicação, de participação grupal ou, ainda, seja através do cultivo de diferentes (ou novas) formas de lazer (Moura, & Souza, 2012).

O resultado gerado pela técnica *nuvem de palavras* (Figura 1), apontou que as palavras mais frequentes nos depoimentos dos idosos longevos foram: *sinto*, *jovem*, *maravilhosa*, *oitenta*, *estou linda*, *cabelo*, *arrumo*, *bonita*, *creme*, *batom* e *cuidar*.

Figura 1 - Nuvem de palavras gerada pelo NVivo com base nas narrativas dos idosos longevos

Fonte: Dados da pesquisa “Narrativas sobre o envelhecer: memórias, vivências e identidades de idosos longevos”. Vitória da Conquista, BA, 2015

Percebe-se, na nuvem de palavras, que os termos em destaque estão relacionados com a aparência e a necessidade de desvinculação da sua imagem atual. Essa característica ocorre, pois as idosas longevas utilizam a ideia de espírito jovem para dissociar o corpo velho da maneira em que vivem. Foi a partir das palavras mais frequentes na nuvem que emergiram três temas de análise: O espírito jovem: a relação corpo e mente; a aparência: imagem atual *versus* imagem do passado e o cuidado com o corpo e a aparência.

O espírito jovem: a relação corpo e mente

A publicidade e a mídia transformaram os jovens em modelos desejáveis, que influenciam no imaginário de indivíduos de todas as idades (Pereira, & Penalva, 2011). Assim, esse modelo de juventude atual transpõe os limites e a natureza etária, tornando-se um estado de ser, relacionar e perceber a vida, denominado pelos idosos de *espírito jovem* (Silva, Cachioni, & Lopes, 2012). De acordo com Blessman (2004), isso ocorre porque a imagem corporal da velhice é representada pelo declínio físico perceptível, e a dificuldade em aceitar este fato induz à existência de um eu visível, que envelhece, e um eu invisível que se mantém jovem.

Possuir o *espírito jovem* resulta do cultivo de uma postura considerada ativa e produtiva diante da vida. Significa também adotar e alimentar determinados estilos de vida (Silva, Cachioni, & Lopes, 2012). Essa lógica, já observada entre os idosos jovens (idade média de 65 anos), pode também ser percebida com os idosos longevos. As idosas longevas pesquisadas se sentem jovens, mesmo com mais de oitenta anos de idade, e assim como os idosos jovens, elas adotam um estilo de vida ativo, alegre, engajadas em diversas atividades como academia, lazer, semelhante às características privilegiadas daqueles que são cronologicamente jovens, como se pode observar nas narrativas a seguir:

> *"Eu me sinto linda, me sinto jovem, eu me sinto linda e maravilhosa, me cuido, faço academia."* (Margarida, 82 anos).

"Eu ainda me sinto jovem, mesmo com oitenta e dois anos eu sinto a mesma de quando eu era jovem, a mesma alegria que eu tinha eu tenho hoje, o que eu fazia quando era jovem eu faço hoje, eu garanto que eu faço e muito bem (risos), eu vou pra festas, para o clube, gosto de dançar, eu sou muito alegre, eu me cuido, me arrumo." (Hortência, 85 anos).

"Eu me cuido, não como de tudo pra não engordar, tem que saber envelhecer, envelhecer bem, quero me sentir jovem, bonita (risos), [...]." (Jasmim, 80 anos).

As narrativas das idosas longevas corroboram com a pesquisa realizada por Silva, Cachioni, & Lopes (2012), com idosos jovens, cujos relatos se justificam pela necessidade de esses longevos se distanciarem dos estereótipos negativos da velhice, e portanto, assim como os idosos jovens, as idosas longevas também já estão utilizando da ideia de *espírito jovem* para justificar uma dissociação entre o corpo velho e a maneira de viver.

De acordo com Marcelja (2012), sentir-se jovem é a palavra de ordem do momento. É uma estratégia de sobrevivência social, passaporte intergeracional e aceitação coletiva, pois parecer-se e sentir-se jovem configuram, nas percepções das idosas, uma forma de sobrevivência e pertencimento à sociedade, com este estudo apontando que tal estratégia já se faz presente entre os idosas longevas.

A aparência: imagem atual *versus* imagem do passado

Foi possível observar também neste estudo que a questão em torno da aparência foi apenas mencionada pelas mulheres entrevistadas; os homens não mencionam qualquer tipo de relevância sobre este assunto, não havendo, assim, a representatividade de suas narrativas na nuvem de palavras.

As idosas longevas entrevistadas fizeram referência aos aspectos físicos da juventude. Elas admitem as marcas e transformações na aparência advindas do envelhecimento, como as *rugas*, o *cabelo branco*, demonstrando uma relativa saudade e inquietação referente a como eram, e como são hoje, conforme descrito abaixo:

> *"Quando eu me olho no espelho eu vejo muitas mudanças, né?! Quando a gente é jovem a gente é linda e maravilhosa, quando a gente é jovem é uma uva, quando velha é um abacaxi (risos), mas eu me sinto bem, eu aceito a velhice e encaro numa boa."* (Camélia, 83 anos).

> *"Aí, é duro (risos), eu vejo uma grande diferença (risos), vixe!, eu não gosto de me ver no espelho, porque quando eu me olho no espelho eu vejo que estou ficando velha, porque aquela beleza que eu tinha eu não tenho mais, eu sinto saudade do tempo que quando eu era jovem, ontem eu não tinha uma ruga e hoje eu tenho, mas eu me sinto velha só por fora, porque por dentro eu ainda me sinto jovem, eu vejo uma grande diferença de quando eu era nova, na velhice eu não sou mais aquilo que eu era, eu vejo uma grande diferença."* (Violeta, 82 anos).

> *"Eu não me acho tão feia, não, eu não sou bonita, mas hoje eu estou feia porque estou desarrumada, tô um pouco gripada porque essa vacina me derrubou."* (Jasmim, 80 anos).

> *"Eu percebo as rugas que aparece."* (Rosa, 81 anos).

> *"[...] já completei oitenta e três anos, tô muito satisfeita pela idade que eu tenho, eu não me envergonho de nada, eu também já fui jovem, eu não nasci com essa pele, com essas rugas, eu não nasci com cabelos brancos, eu nasci jovem, bonita, né?! Maravilhosa! Eu lembro muito daquela época que era jovem, quando eu tinha vinte anos, eu era bonita, né?! Maravilhosa! Meu Deus!, a diferença é muito grande, viu!. Mas eu estou lúcida, me sinto jovem ainda, glória Deus, glória Deus, pela vida, né?! Tem coisa melhor do que a vida?"* (Camélia, 83 anos).

Percebe-se, nas narrativas das idosas longevas, que o envelhecer implica em mudanças na aparência. A imagem atual não corresponde mais à imagem que elas têm na memória.

Nesse sentido, o contraste entre as imagens do jovem e do idoso reflete a beleza da juventude, enquanto, após a passagem do tempo, evidencia os aspectos biopsíquicos do envelhecimento (Santos, Moreira, & Cerveny, 2014).

No entanto, apesar das transformações causadas pela inscrição da passagem do tempo no corpo ao mostrar os sinais do envelhecimento, isso não abala a autoestima, a vontade de viver e encarar a velhice, pois ainda estão "lúcidas" e "aceitam velhice numa boa". Estes são sinais de que a longevidade vale a pena.

O cuidado com o corpo e a aparência

As idosas longevas entrevistadas relataram a dedicação em cuidar do corpo para não ficar com má aparência. Elas consideram esse cuidado como algo positivo, sinal de bom envelhecimento. Assim, os dados obtidos, na presente pesquisa com idosas longevas, corroboram com a pesquisa realizada por Silva, Cachioni, & Lopes (2012), com idosos jovens, apontando uma melhor aceitação da velhice pela mulher, e a maior dedicação dela em cuidar do corpo, da aparência, da saúde, do convívio, da alimentação e do bem-estar. Os cuidados em relação ao corpo e a aparência podem ser verificados nas narrativas abaixo:

> *"[...] eu me arrumo, vou na cabelereira, arrumo meus cabelos... meu cabelo é bem grandão, gosto de me arrumar, vixe maria!, passou batom, nossa... eu me sinto linda, eu me sinto linda e maravilhosa."* (Margarida, 82 anos)

> *"Não é porque a gente tá ficando velho que tem que se entregar, e que não vai usar um creme, tem que se cuidar mesmo né?!, aí é que precisa se cuidar pra não se acabar, porque se você se entregar porque tá velho... tem gente que não usa nenhum creme, não faz nada, não tira uma sobrancelha, não tinge o cabelo, esse tempo já passou, a gente tem que ir pra frente, porque eu quero chegar aos cem, e vou chegar."* (Girassol, 81 anos)

> *"Hoje o meu corpo não é mais como antes, mas busco me cuidar, uso filtro solar, me arrumo, passo batom, vou pra igreja bem arrumadinha, não fico me apegando à velhice, gosto de me sentir bonita."* (Jasmin, 80 anos)

Verifica-se, nas narrativas das idosas longevas, o cuidado com o corpo e a aparência. Elas citam o uso de cremes, tinturas, maquiagens, os quais são considerados como não excessivos, necessários apenas para se sentirem mais bonitas. Assim elas revelam uma sensação de bem-estar e por sua vez, uma boa autoestima. O cuidar de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos e das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa-forma (Costa, 2004).

Em suma, esta pesquisa mostra que a preocupação com a aparência não diminui com o aumento da faixa etária, o que contrasta com a afirmativa de Beauvoir (1970), que, quando a mulher envelhece e seu corpo perde a função de sedução, a preocupação estética fica em segundo plano. De acordo com Coutinho, Tomazeti & Costa (2013), essa modificação é alimentada pela influência da mídia e da lógica consumista que valoriza o corpo, a beleza e a juventude.

Considerações finais

Neste estudo foi possível perceber como a identidade é vivenciada pelas idosas longevas. Diante dos achados desta pesquisa, é possível afirmar que nos defrontamos com um novo olhar sobre a velhice e uma nova identidade dos idosos longevos.

Este estudo encontrou idosas longevas alegres, gozando de boa saúde com autonomia, independência, conservando o *espírito jovem*. Essa positividade da identidade dessas idosas nos permite inferir que a velhice pode ser vivenciada com alegria e não como tristeza, e que pode ser usufruída da melhor maneira.

A aparência foi um aspecto importante nas narrativas dos idosos longevos pesquisados, pois foi possível observar a inquietação de sua imagem atual com a imagem da juventude, contrariando as discussões e representações de que a preocupação com a estética fica em segundo plano com o aumento da faixa etária.

Por outro lado, embora pese a idade avançada, os idosos longevos, especialmente no caso das longevas desta pesquisa, continuam a cuidar do corpo e da aparência, buscando apresentar uma imagem cuidada, aproximando-se de uma imagem jovem. Esse cuidado com o corpo traz benefícios, e ajuda na formação da identidade das idosas longevas, haja vista que o cuidado com o corpo e a aparência foi identificado como um carinho que elas têm consigo mesmas, como sensação de bem-estar e, por sua vez, manifestam uma boa autoestima.

Assim, a percepção da identidade das idosas longevas ajuda a desmistificar ideias preconceituosas e negativas de que pessoas com mais de oitenta anos não se preocupam em cuidar do corpo e da aparência, dado que este estudo apontou que idosas longevas também se preocupam com sua aparência e investem nesse sentido. Assim, esta pesquisa mostra-se relevante para que novas concepções sejam construídas sustentando as práticas profissionais, com a finalidade de evitar generalizações perniciosas sobre a velhice e reduzir os sujeitos a aspectos biológicos apenas, haja vista que a velhice é uma etapa complexa, inserida numa sociedade em constante transformação e que deve ser compreendida em seus múltiplos aspectos: psicológicos, sociais, econômicos e culturais.

Uma limitação do presente estudo foi o número reduzido de participantes do sexo masculino, o que acarretou na não representatividade de suas narrativas na *nuvem de palavras*. Assim, sugere-se que novos estudos envolvendo mais homens sejam realizados, abordando a aparência, o cuidado com o corpo, e as diferenças de gênero. Limitadora também foi a falta de outras pesquisas com idosos longevos para possível comparação. Observou-se, no entanto, que muitos dos estudos são realizados com idosos jovens, o que comprova a escassez na literatura nacional de investigações mais aprofundadas sobre as questões aqui tratadas envolvendo homens idosos longevos.

Agradecimentos

À Capes, pela Bolsa, crucial para o desenvolvimento deste estudo. Um agradecimento mais do que especial aos participantes desta pesquisa: os idosos longevos, que nos acolheram em suas casas, permitindo o desenvolvimento deste trabalho. O aprendizado que tivemos não foi só acadêmico, foi também pessoal; levaremos para toda a nossa vida esta experiência que foi única.

Referências

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo.* (3[a] ed.). Lisboa, Portugal: Edições 70.

Barros, M. M. L. (2013). Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. *In*: Barros, M. M. L. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, 113-168. (4[a] ed.). 3[a] reimpressão. Rio de Janeiro, RJ: FGV.

Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.

Blessmann, E. J. (2004). Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. *Revista Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 6,* 21-39. Recuperado em 27 janeiro, 2015, de: http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4737/2661.

Brasil. (2010). Dados do censo de 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Recuperado em 02 março, 2015, de: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm.

Brasil. (2013). Resolução CNS n.º 466, de 12 de dezembro de 2012. Recuperado em 02 março, 2016, de: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html.

Caldas, C. P., & Thomaz, A. F. (2010). A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós Gerontologia*, *13*(2), 75-89. Recuperado em 06 junho de 2015, de: file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/5367-12892-1-SM%20(3).pdf.

Coutinho, R. X., Tomazeti, R. V., & Acosta, M. A. F. (2013). Representação de corpo na velhice: o corpo real *versus* o corpo social. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós Gerontologia, 16*(4), 215-236. Recuperado em 07 de junho de 2015, de: file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/19665-49648-1-SM.pdf.

Ciampa, A. C. (2006). Identidade. *In*: Lane, S. T. M., & Codo, W. *Psicologia Social*: o homem em movimento, 58-75. (13[a] ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.

Conceição, L. F. S. (2010). Saúde do idoso: orientações ao cuidador acamado. *Revista Médica Minas Gerais, 20*(1), 81-91. Recuperado em 07 de junho de 2015, de: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/199.pdf.

Costa, J. (2004). *O vestígio e a áurea: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Costa, L. B. B. (2012). *"Essas pessoas que envelhecem..." - saberes de adultos com deficiência intelectual*. Dissertação de mestrado em Educação. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Faoro, R. (1958). *Os donos do poder*. Porto Alegre, RS: Globo.

Freitas, C. M. S. M., Moura, P. V., Silva, E. A. P. C., Cartaxo, H. G. O., Silva, P. P. C., Carminha, I. O., & Smethurst, W. S. (2012). Identidade do idoso: representações no discurso do corpo que envelhece. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 17*(1), 19-35. Recuperado em 20 agosto de 2015, de: file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/20778-140636-1-PB%20(7).pdf.

Lima, T. A. S. L., & Menezes, T. M. O. (2011). Investigando a produção do conhecimento sobre a pessoa idosa longeva. *Revista Brasileira de Enfermagem, 64*(4), 751-758. Recuperado em 11 de outubro de 2015, de: http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n4/a19v64n4.pdf.

Limoeiro, B. C. (2012). O corpo em foco: Envelhecimento e Diferença de Gênero na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Todavia*, *5*. Recuperado em 02 março, 2015, de: http://www.ufrgs.br/revistatodavia/Ed.%205%20-%20Artigo%205.pdf.

Marcelja, K. G. (2012). *A Beleza como Passaporte Intergeracional*. Dissertação de mestrado em Gerontologia Social. São Paulo (SP): PEPGG/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Meihy, J. C. S. B. (2005). *Manual de história oral.* (5ª ed.). São Paulo, SP: Edições Loyola.

Minayo, M. C. S., & Coimbra Júnior, C. E. A. (2002). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.

Moura, G. A., & Souza L. K. (2012). Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. *Textos & Contextos, 11(1*), 172-183. Recuperado em 27 jan 2015, de: file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/9492-43409-2-PB%20(2).pdf.

Pereira, C., & Penalva, G. (2011). Mulher – Madona e outras mulheres: um estudo antropológico sobre a juventude aos 50 anos. *In*: Goldenberg, M. *Corpo Envelhecimento e Felicidade*, 135-137. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira.

Pitanga, D. A. (2006). *Velhice na cultura contemporânea*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica. Recife (PE): Universidade Católica de Pernambuco.

QRS International. (2014). *NVivo10 for Windows*. Recuperado em: 02 março de 2015, de: http://download.qsrinternational.com/Document/NVivo10/NVivo10-Getting-Started-Guide-Portuguese.pdf.

Santos, D. F., Tomazzoni, A. M. R., Lodovici, F. M. M., & Rocha-Medeiros, S. A. (2010). A arte de morar só e ser feliz na velhice. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós Gerontologia*, *13*(8), 109-123. Recuperado em 27 de janeiro de 2015, de: http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/6918/5010.

Santos, D. V., Moreira, M. A. A, & Cerveny, C. (2014). Velhice – considerações sobre o envelhecimento: imagens no espelho. *Nova Perspectiva Sistêmica, 23*(48), 80-94. Recuperado em 06 de junho de 2015, de: file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/53-170-1-PB%20(7).pdf.

Silva, M. E. V. (2006). *Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar! Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice: um estudo no Norte de Portugal*. Tese de doutorado em Sociologia. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, Imagem e Aparência: a experiência de idosos da UnATI EACH-USP. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós Gerontologia, 15*(7), 235-257. Recuperado em 07 de junho de 2015, de: http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/15251/11377.

Vasconcelos, A. L., & Souza Filho, A. R. (2001). Bananal: Trabalho e vivência em uma comunidade de negros. *Politéia*, *1*(1), 247-268. Recuperado em 20 de agosto de 2015, de: http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/148/159.

Recebido em 08/03/2016
Aceito em 30/03/2016

Maykon dos Santos Marinho – Enfermeiro. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Bolsista de Doutorado da CAPES. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa sobre Envelhecimento Humano (UESB).
E-mail: mayckon_ufba@hotmail.com

Luciana Araújo dos Reis - Fisioterapeuta. Doutora em Ciências da Saúde (UFRN); Professora dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGM/UESB); Professora do Curso de Fisioterapia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Departamento de Saúde 1; Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Envelhecimento e Obesidade (UESB, CNPq).
E-mail: lucianauesb@yahoo.com.br